

ELCIAS MOREIRA

*O Último
Romântico*

BIOGRAFIA DE

Guilherme Aluizio



SEIO EDITORIAL
TEMPORAL

LIVROS QUE ATRAVESAM O TEMPO

ELCIAS MOREIRA

*O Último
Romântico*

BIOGRAFIA DE

Guilherme Aluizio



SEIO EDITORIAL
TEMPORAL
LIVROS QUE ATRAVESAM O TEMPO

Copyright © 2022 por Elcias Moreira

Coordenação e projeto editorial: *Elcias Moreira*

Edição de texto: *Sócrates Bomfim Neto*

Preparação de texto: *Selma Bomfim, Sócrates Bomfim Neto e Elcias Moreira*

Capa, projeto gráfico e diagramação: *Indie 6*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M838o

Moreira, Elcias.

O último romântico / Elcias Moreira Nunes Júnior. Manaus: Selo Editorial Temporal, 2022.

240 páginas: 16x23 cm

ISBN: 978-65-00-47188-5

1. Jornalismo 2. Jornalistas - Brasil - Biografia 3. Silva, Guilherme Aluizio de Oliveira, 1937-2019 I. Título

22115-288

CDD 070.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalista : biografia e obra 070.92

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

2022

Direitos de publicação reservados à
SELO EDITORIAL TEMPORAL
seloeditorialtemporal.com.br

Ao apoio incondicional de Sócrates Bomfim Neto
Às observações valiosas de Selma Bomfim
À memória de Guilherme Aluizio

Aos que trabalharam na construção desta obra:
Sócrates Bomfim Neto (edição de texto),
Selma Bomfim (preparação de texto),
Fábio Augusto (pesquisa histórica),
Sandro Abecassis e Ámon Gabriel (decupagem),
Marcos Fontes (criação gráfica);
Àqueles que contribuíram para a realização deste livro;
Ao parceiro de sonhos e realizações Fred Novaes;
À Solange Guimarães minha esposa,
Aos meus filhos Ariana, Ámon e Anna.

“Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las”.

Gênesis 15:5

SUMÁRIO

Prefácio	08
Introdução	10
Prólogo	12

PRIMEIRA PARTE

1 Namoro	16
2 Casamento	22
3 Colégio São Francisco	32

SEGUNDA PARTE

4 Jovem jornalista	44
5 Produção jornalística (1955 a 1960)	52

TERCEIRA PARTE

6 Fachinas e Oliveiras	60
7 Álvaro Fachina	66
8 Izaura e Dalila	74
9 As irmãs	78
10 Primogênito	104

QUARTA PARTE

11	Longo aprendizado	112
12	Espiral de mudanças	123

QUINTA PARTE

13	Quatro de dezembro de 1984	130
14	Jornal centenário	138
15	Engrenagens do jornalismo	143
16	Labor omnia vincit	148
17	Recomeço	154
18	Mundo dos negócios	161

SEXTA PARTE

19	Livro dos dias	170
20	Última lição	176

APÊNDICE

21	Costumes peculiares	202
22	Como eu vejo Guilherme Aluizio	205
23	Texto autoral	223

	Condecorações e homenagens	228
	Cronologia	229
	Referências bibliográficas	231
	Entrevistados	237
	Créditos das imagens	239

PREFÁCIO

Há um arquivo pessoal guardado na sede do Jornal do Commercio, em Manaus, que contém um registro presencial e humano, assim como uma pequena biblioteca e os relatos dos funcionários que conviveram durante os 35 anos em que atuou como empresário das comunicações.

Selma Bomfim guarda consigo além dos momentos de convívio, as memórias de 55 anos de casamento, o acervo de registro fotográfico e documentos do escritório pessoal. Incluindo, também, os relatos de funcionários que trabalharam na casa. Isso tudo se encontra aos cuidados dela, retrato notável de todos os aspectos da personalidade de Guilherme Aluizio. Neste contexto se inseri Sócrates Bomfim Neto, seu único filho, seu arquivo pessoal e as elucubrações deixadas pelo pai.

Houve uma busca de forma minuciosa nos arquivos encontrados na Hemeroteca Nacional do Brasil, assim como os registros abertos disponíveis na rede mundial de computadores.

As conversas com pessoas ligadas ao jornalismo foram elucidativas – Hiel Levy, Cláudio Barboza, Frânio Lima e Marcos Santos – ; com antigos funcionários do Jornal como Adriane Oliveira que desempenhou a função de secretária pessoal do biografado durante os últimos nove anos de vida e o fiel gerente comercial Adalberto Santos; em síntese, dos que conviveram com ele, em períodos distintos ao longo de sua existência.

Travaram-se longos diálogos com familiares, neste caso com suas irmãs Aury, Yone e Yeda e os sobrinhos Ana Paula Senna, Andréa Elka, Julieta Theodoro, Nízio Theodoro e Flávio Ricardo. É importante ressaltar que chegou em minhas mãos uma pasta verde com a coleção de recortes de jornais pertencente à Izaura Batalha, avó de Guilherme Aluizio, sobre o tempo em que ele trabalhou como repórter no Jornal A Gazeta, o acervo estava aos cuidados de Yeda Silva.

Conversei, ainda, com alguns de seus amigos como Ubaldino Meirelles, Petrônio Machado, Frederico Veiga, Aluizio Barbosa, Divaldo Martins, Bosco Rezende, Miguel Mourão, Oswaldo Lopes entre outros.

Esses materiais são constituídos das memórias dessas pessoas, bem como dos arquivos, bibliotecas e coleções particulares, em Manaus. Eles, de certa forma, revelam a impressão que Guilherme Aluizio causava em seus contemporâneos: o que falavam acerca dele?

ELCIAS MOREIRA

INTRODUÇÃO

O que falar sobre Guilherme Aluízio de Oliveira Silva? Esta biografia visa retratar sua vida em diversos estágios desde sua infância até a vida adulta. Na minha opinião, porém, será extremamente difícil detalhar sua vida por completo. Pode-se com certeza dar uma ideia de seu caráter, de sua coragem, de sua perspicácia, mas não conseguiremos abordar completamente todas as suas facetas.

Conheci-o por mais de 42 anos e não sei por onde começar. Sou, claro, parcial nessa avaliação, porém agradeço imensamente pela sua contribuição na minha formação moral, acadêmica e religiosa. Seu caráter exemplar ajudou a moldar a minha visão de mundo. Tenho muito orgulho de tê-lo tido como pai. Agradeço as referências deixadas por ele. É difícil descrever Guilherme Aluízio, pois, ele sempre desempenhou inúmeros papéis: pai carinhoso, marido dedicado, amigo generoso, jornalista perspicaz, empreendedor em série, líder empresarial, visionário à frente de seu tempo... Enfim, um *self-made gentleman* incomum de se encontrar em terras manauaras. Guilherme Aluízio foi um cortês cavalheiro cordato até com os mais hostis, no fundo, nunca deixou de ser aquele menino gentil de Beruri. Deu-me grandes lições de vida.

Suas palavras não paravam no diálogo, tinham que obrigatoriamente fazer parte de suas ações. Conseguia ser justo e centrado mesmo nos

momentos mais tensos e sombrios. Como um bom católico, gostava de fazer o bem longe dos holofotes. Ajudava sem pedir favor, pelo prazer de ver a felicidade do próximo. Isso valia tanto para os amigos de longa data quanto para os desconhecidos. Em minha juventude, presenciei várias vezes essas ações, perguntei-me inúmeras vezes o motivo: na vida adulta, cheguei à conclusão de que pessoas caridosas agem por instinto. Fazem o bem naturalmente.

Uma de suas maiores paixões era o jornalismo. Desde criança gostava de escrever. De tantas empresas criadas e administradas por ele durante décadas, nenhuma era mais querida que o *Jornal do Commercio*. Como resultado, boa parte de seu tempo foi dedicado ao *Jornal*. Sonho que acalentava há mais de 30 anos e que finalmente realizou em 1984. Escolheu um veículo que refletia exatamente sua personalidade, de longa bagagem histórica, de tradição, sem sensacionalismo, afeito a ser parte da história amazonense. Além do olhar de empresário, existia ali também o olhar de pai, pois, para ele, o *Jornal* não era somente uma empresa, mas sim um membro da família. Sua visão imutável era o jornalismo sério, a linha editorial enxuta e direta, evitando ao máximo as opções tendenciosas. Guilherme Aluízio conduziu o *Jornal do Commercio*, como um magistral maestro, durante 35 anos.

Viveu sua vida como um cavalheiro beruriense deixando seu legado escrito no coração de todos que o conheceram. Guilherme Aluízio foi, é e continuará sendo tudo isso, embora como já disse, eu sou suspeito nessa avaliação.

SÓCRATES BOMFIM NETO

PRÓLOGO

Ele sentiu um cansaço repentino, suas energias pareciam que se esgotavam. Inicialmente, Selma creditou ao excesso de dedicação, uma vivência intensa, ao *Jornal do Commercio*. A partir deste momento, iniciou uma peregrinação aos consultórios médicos, em busca de respostas.

Era novembro de 2018, quando Selma ficou sabendo que Guilherme convivía com uma leucemia crônica, ele realizava o tratamento fazia dois anos. Tomado pela resiliência que carregava desde os tempos de juventude, assim como o autocontrole extremo para assuntos desagradáveis, decidiu guardar silêncio, guardou para si esse mal. O médico que tratava dessa enfermidade, nas consultas de rotina afirmava que estava tudo bem. Havia férias programadas, o destino era a cidade de Miami nos Estados Unidos, onde morava o único filho do casal com sua esposa e duas filhas. Permaneceram cerca de 20 dias, chegaram ao final do mês de dezembro, partindo no início de janeiro.

Guilherme Aluizio apresentava um cansaço na maior parte do tempo. Viajaram nos últimos dias de janeiro para São Paulo, em busca de um tratamento mais eficaz.

“Eu constatei que não era uma questão de cansaço normal, era algo físico e a partir daí, eu o acompanhei às consultas. Ninguém imaginava que fosse algo grave, porque segundo os médicos estava tudo bem. Quando chegou próximo ao final de janeiro, fui ao meu médico, comentei sobre a situação do meu marido, ele sugeriu um tratamento fora de Manaus. Eu voltei para casa, contei ao Alúzio e decidimos ir embora.” (Selma Bomfim)

PRIMEIRA PARTE

1

Namoro

No segundo ano do ensino pedagógico, na época das Festas Juninas, ocorreu um encontro que mudaria sua existência. Selma foi ao Bosque Clube, estava com 16 anos. Um rapaz magro a tirou para dançar. No embalo, ritmo e cadência das passadas, Selma notou os floreios das palavras esboçadas pelo seu cortejador, aliás, além delas um sorriso constante em seus lábios, sentiu-se reconfortada na presença dele, apesar de conhecê-lo há poucos minutos. A pausa da música foi a oportunidade esperada para um pedido inusitado, ele a pediu em namoro. Ela ficou surpresa, buscou as palavras certas para aquela situação, depois de uma rápida análise:

“Serei franca contigo, acabei de terminar com uma pessoa, quero um tempo para colocar os pensamentos em ordem, mas daqui a um mês, posso pensar sobre isso!”

O rapaz mesmo com a resposta de recusa, prometeu que a visitaria no dia 1 de agosto.

No dia combinado, Selma se arrumou antes do final da tarde, olhou o relógio que marcava 16 horas, o encontro foi marcado às 17. Na perspectiva de Selma aquelas horas transcorriam lentas, passou 17, 18, 19 e 20 horas. Ela foi tomada por um pensamento:

“O moço devia estar a caminho, algo ocorreu.”

No dia seguinte, 2 de agosto de 1960, Selma estava concentrada em seus afazeres, Guilherme Aluizio apareceu, com um dia de atraso, confessou que o atraso era proposital para que houvesse a expectativa da chegada.

Selma nasceu em 23 de fevereiro de 1944 no município de Manaus na Santa Casa de Misericórdia, na rua 10 de julho, Centro.

Seu único irmão recebeu o nome de Frederico Baird Bomfim. Guilherme Baird, avô de Selma, era descendente de escocês. Sua avó materna Maria Madalena da Amorim Baird era filha de portugueses.

Francisco Laurentino do Bomfim e Maria Arauz do Bomfim eram seus avós paternos. Francisco era cearense, pretendia ser padre, no seminário chegou a ser diácono, contudo abandonou a batina, nunca explicou os motivos do abandono da vida de sacerdócio. Ele morava em Fortaleza no Ceará, onde conheceu Maria uma estudante com ascendência boliviana. Francisco Laurentino atuou em várias causas jurídicas naquela cidade – casou-se e mudou-se para Eirunepé, que nessa época era um centro comercial importante no estado, onde atuou como advogado. Ele foi coronel de barranco e atuou na política.

O bisavô de Selma, pai de Maria Auraz, era sócio de uma conhecida firma exportadora de extração de látex, sediada na Bolívia, morava no Acre.

Francisco Laurentino ficou doente. Sócrates o seu filho mais novo assumiu os negócios. Os negócios em termos, na realidade assumiu a banca de advocacia de seu pai.

Sócrates Bomfim era dono de uma personalidade marcante com convicções firmes e uma extrema educação. Ele nasceu em Eirunepé, mas estudou em Fortaleza. Sócrates foi professor de direito na Universidade Federal do Amazonas, além de exercer o cargo de Prefeito de Manaus.

Selma tinha 16 anos quando começou o namoro.

Era um final de tarde, quando Guilherme se despediu de Selma, disse que estava cansado, iria para casa dormir. Um pouco mais tarde, o pai de Selma, doutor Sócrates Bomfim, disse que naquele dia, todos iriam à sessão das 19 horas no Cinema Avenida. O cinema na década de 60 era a principal atração das pessoas em todo o mundo.

Selma e seus pais aguardavam na calçada o início da sessão. Guilherme estava assistindo ao filme na companhia de uma moça, no mesmo cinema, a diferença era que tinha pegado a sessão anterior. Quando as luzes se apagaram, estava deixando o cinema, algo fez com que olhasse as pessoas do lado de fora, seus olhos avistaram a família Bomfim, sentiu um calafrio da cabeça aos pés. Ele pensou rapidamente, abraçou a moça, abaixou a cabeça, procurou se esgueirar do ângulo de visão da família Bomfim, seu plano foi quase perfeito. A imperfeição se deu pelo fato de a prima de Selma tê-lo visto. Guilherme sabia disso. No dia seguinte a convenceu a guardar segredo. Depois do episódio a mãe da moça, que o acompanhava no cinema, descobriu que ele namorava outra jovem, então proibiu sua filha de qualquer contato:

“Você nunca mais vai namorar esse moleque!”

Dias depois, quando ia se despedir de Selma, Guilherme lhe disse:

“É melhor que você saiba por mim que por outra pessoa!”

Narrou todos os acontecimentos, inclusive o término do seu *flert* com a outra garota. Selma ficou furiosa. Reprovou aquele comportamento expressando toda a sua indignação:

“Você é um moleque, não leva nada a sério!”

É claro que terminaram. Após alguns dias, Guilherme apareceu na casa de Selma como se nada tivesse ocorrido, reataram o namoro.

*

Guilherme ouviu atentamente, através da sua namorada, as palavras ditas pelo seu pai sobre os horários dos namoros:

“Olhe está ficando muito sério, esse rapaz vem toda noite aqui, você não vai casar antes de 20 anos, porque é muito jovem. É melhor que ele venha dia sim, dia não!” (Doutor Sócrates Bomfim)

Ele cumpriu corretamente as recomendações do sogro, durante uma semana. Percebeu que dona Carlota era sua aliada, na semana seguinte passou a frequentar a casa em horários alternados, porém todos os dias. Na segunda vinha pela manhã, namorava sobre os olhares de dona Carlota, na terça vinha à noite sobre os olhares de Sócrates Bomfim. Um dia pela manhã, outro dia pela noite.

Nesta época Guilherme fumava quatro maços de cigarros por dia. Certa vez, começou a tossir com intensidade, o que ocasionou uma inflamação na garganta. Selma foi visitá-lo. O médico fez algumas recomendações sobre as consequências negativas do cigarro para a saúde, principalmente, as vias respiratórias. Desde esse episódio Aluízio nunca mais fumou.

Depois de seis meses de namoro, Guilherme disse a Selma que deixaria o jornalismo, o sonho buscado desde a adolescência, porque assumiria as responsabilidades da família, o pai lhe disse que estava falido. Quando Álvaro Fachina se envolveu na política ao lado de Paulo Nery, houve muitos pedidos de madeira os quais fugiram ao seu controle, ocasionando uma quebra nas finanças da madeireira:

“Pai, eu não vou deixar isso ocorrer. Entregar a madeireira aos credores, começar tudo do zero é muito difícil. A partir de agora irei assumir a serraria e a família!”(Guilherme Alúzio)

2

Casamento

Cerimônia religiosa

Quando começou o namoro com Selma era repórter do Jornal A Gazeta. Namoraram três anos e dois meses, foram noivos por seis meses. O pai de Selma era convencional, as coisas teriam que correr seu fluxo com naturalidade, sem pressa:

“Mas, porque você vai casar tão depressa, tem algum motivo para casarem depressa?”

“Não, papai!”

Sócrates Bomfim comentou com Selma que estava pensando em uma festa de casamento, contudo ela sugeriu uma viagem em vez da festa. O casamento aconteceu às 10 horas, no dia 16 de abril de 1964, na igreja da Matriz, havia vários padrinhos. Algumas pessoas mais próximas receberam uma participação de casamento, uma espécie de convite informando a data e local, apenas para a celebração religiosa. A intenção era que a cerimônia ficasse restrita somente à igreja, até mesmo porque os noivos iriam seguir viagem pela parte da tarde. Algumas horas após a cerimônia Guilherme perguntou a Selma:

“O que achou da música?”

“Qual música?”

“A música que eu escolhi para entrada do casamento!”

“Desculpa! Eu achava que não estava nervosa, mas pelo visto estava realmente nervosa, eu não ouvi absolutamente nada!”

Encerrada a cerimônia religiosa, foram para casa dos pais de Selma, por consequência se preparariam para a viagem. Um grupo reduzido de pessoas muito próximas foi direto para a casa de dona Carlota, foi uma surpresa, ela estava despreparada, contudo havia uma carne assada que foi servida para todos.

Lua de mel

Na cidade de São Paulo se hospedaram em um hotel modesto, posteriormente rumaram para Santos a convite de um tio de Selma. Ele os recebeu cordialmente, entregou-lhes as chaves do apartamento, no dia seguinte iria viajar com a família:

“Selma e Guilherme fiquem o tempo que acharem necessário!”

“Agradeço ao senhor, ficaremos um ou dois dias no máximo, tio!”

No dia seguinte, Santos estava enfrentando um calor intenso, o casal para fugir do calor permaneceu a maior parte do tempo na praia, essa foi a maneira encontrada para amenizar o clima escaldante. Diante deste motivo quente decidiram partir no outro dia.

Foram para a rodoviária, pegaram o ônibus em direção ao Sul, a primeira parada foi Curitiba, logo após Florianópolis e Porto Alegre. O retorno foi para o ponto inicial de chegada, a Cidade Maravilhosa, cuja intenção, também, seria o ponto de retorno para Manaus. O percurso entre as cidades foi feito de ônibus, pela estrada, inclusive o Rio-São Paulo. Selma estava familiarizada com os ares do Rio, porque nas férias viajava em companhia de sua mãe, alguns parentes de dona Carlota viviam ali. O casal fez curtas viagens durante o dia, para conhecer as estradas dos municípios circunvizinhos que visitavam.

Guilherme carregava em si a curiosidade, a vontade da descoberta, a característica se tornava evidente quando visitava um local pela primeira vez, os primeiros lugares visitados eram os mercados, feiras, ruas comerciais, pois, entendia que lá se poderia observar os hábitos, os costumes e os modos das pessoas. O Brasil, nesta época era agrícola, as indústrias estavam crescendo, o casal tinha o desejo de descobrir as paisagens dos lugares visitados. Uma viagem igual a essa seria feita apenas 20 ou 30 anos depois, em face disso foi significativa porque conheceram uma parte do país fora do roteiro das viagens, um Brasil rural da década de 60. Naquele tempo, Guilherme conhecia o Nordeste, Selma conhecia o Rio de Janeiro. Guilherme e Selma ficaram hospedados no Hotel Serrador, no Centro da cidade. Quando seu pai, Sócrates Bomfim, visitava o Rio se hospedava nele, portanto, Selma o conhecia bem.

O casal tinha o propósito de conhecer Montevideu e Buenos Aires, mas, porventura, os passaportes devido a algumas mudanças burocráticas deixaram de ser expedidos. A viagem do casal durou 30 dias.

Festa de casamento

No dia em que retornaram a Manaus, foram surpreendidos com as preparações para um jantar especial. Dona Carlota fez pessoalmente a lista, convidou muitas pessoas desta vez, era a comemoração oficial do casamento de Guilherme e Selma, de fato a festa que havia faltado. O jantar foi servido na residência dos pais de Selma, estavam presentes cerca de 120 pessoas. Os recém-casados foram pegos de surpresa, dona Carlota tinha no sangue a arte de recepcionar e a predileção pelas comemorações de datas importantes, e, aquela era uma data *sui generis*, a celebração do casamento de sua única filha mulher.

“São 6 anos e meio de diferença entre a minha idade e a de Aluizio, eu enfatizo isso porque em 6 meses do ano temos a diferença de 6 anos e nos outros 6 meses temos a diferença de 7 anos.” (Selma Bomfim)

Turma de engenharia

Selma, depois de casada, voltou a estudar aos 24 anos. Fez um curso preparatório, no ano de 1969, com o intuito de prestar vestibular. Foi aprovada na quarta turma do curso de engenharia civil, formou-se em 1973:

“Meu marido era um engenheiro não resolvido, ele adorava construir como adorava decorar, então quando construíamos, ele tomava

conta e eu nem me metia para não discutirmos, porque ele sempre sabia mais, só me ouvia quando algo dava errado, mas era raramente.” (Selma Bomfim)

Quando Selma tomou a iniciativa de se preparar para o vestibular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), consultou Guilherme:

“Você concorda com a minha iniciativa em entrar para a universidade?”

“Sim, desde que não atrapalhe nossa vida pessoal!”

Guilherme e Selma tinham uma rotina atípica, saíam quase todas as noites com os seus amigos. Iam para a cama em torno de uma ou duas horas da madrugada. Selma estudava à tarde, pela manhã trabalhava.

“Foi um período complicado, mas bom, porque eu acho que ele foi compreensível. Eu me lembro de uma amiga que insistia que eu não estudasse. Cada um com suas opções!” (Selma Bomfim)

Decerto, nesta época muitos maridos desaprovavam a independência de suas esposas, aliás, a presença masculina era expressiva em muitos setores da sociedade. Guilherme era um marido acessível, tolerante e liberal. As pessoas se sentiam livres ao seu lado. Ele descendia de uma família numerosa, por isso gostava de pessoas ao seu redor, um dos seus temores era a solidão:

*“Não gosto de chegar em casa à noite e não encontrar ninguém!”
(Guilherme Aluizio)*

Selma procurava esperá-lo, todas as noites, para lhe fazer companhia. Quando ela viajava ou algum motivo excepcional que justificasse o afastamento, ele somente voltava para casa quando estava com bastante sono. Guilherme possuía um autocontrole sobre os seus sentimentos, foram raras vezes que transparecia descontentamento, tristeza e frustração. A confiança guardava para si, era uma espécie de resignação pessoal extremada.

Bodas de papel

Após casados, se mudaram para uma casa pequena típica de aluguel, rua Visconde de Porto Alegre, 545, Centro da cidade. O local tinha uma sala, um corredor pela lateral, do lado direito, que levava aos dois quartos. Um deles foi transformado em sala de jantar. O banheiro ficava entre os dois quartos, seguindo o corredor se chegava à cozinha. Atrás dela havia um pequeno cômodo com banheiro, destinado aos empregados. Permaneceram de 1965 a 1966. Neste período Guilherme Aluízio estava construindo uma casa.

A casa ficou pronta, era uma casa de madeira envernizada com três pisos: um quarto, um banheiro, uma sala e uma sala de jantar, uma copa com cozinha espaçosa e outro quarto com banheiro para a funcionária. Havia uma quadra de vôlei, uma sauna, uma piscina externa, uma mesa de pingue-pongue. Os amigos frequentavam a casa com certa regularidade.

Entre a casa alugada, na rua Visconde de Porto Alegre, e a casa do São Jorge se passaram seis anos. Nesta época, Selma trabalhava na Siderama e almoçava na companhia dos pais.

Depois da partida de dona Carlota Baird, no dia 15 de setembro de 1970, aos 56 anos, vítima de um infarto com edema pulmonar, em uma conversa seu pai lhe fez um convite:

“Selma, venha morar aqui com seu esposo!” (Doutor Sócrates Bomfim)

Selma conversou com Guilherme sobre o convite do seu pai, no seu pensamento se passava que ele iria declinar do convite, mas para a sua surpresa ele concordou. Guilherme e Selma passaram a morar na rua Lima Bacuri, Centro.

“Nós saímos da casa do São Jorge para morarmos na casa dos meus pais, quando minha mãe faleceu, minha mãe faleceu quando eu tinha 26 anos!” (Selma Bomfim)

Seu irmão Frederico aos 11 anos se mudou para o Rio de Janeiro. Estudava no Rio, morava com um tio; depois de algum tempo foi transferido para o Colégio Metodista Granbery em Juiz de Fora, onde morava sozinho. Veio a Manaus, quando tinha de 13 para 14 anos, estudou um ano no Colégio Dom Bosco, depois retornou para o Rio de Janeiro.

Bosque Clube

Guilherme foi presidente do Bosque Clube durante dois anos. Ele foi eleito e reeleito. Isso, após o seu casamento no ano de 1964. Em sua

segunda gestão construiu o parque aquático, na ocasião do seu primeiro mandato havia apenas um igarapé. Acompanhou a construção das piscinas, nessa construção foi usada uma quantidade significativa de pedras. Ele se entregou inteiramente, tanto é que virava dia e noite nessa obra.

“Selma, estou indo tocar as obras, lá no canteiro! Retorno daqui a pouco.” (Guilherme Aluizio)

Guilherme era um apaixonado pela construção, pelas obras e pela engenharia. Era um engenheiro intuitivo, tinha uma excepcional noção espacial de lugares.

Em muitas ocasiões Guilherme e Selma frequentavam o Clube à noite, ficavam na sede conversando com os amigos. O Clube era um local bastante frequentado para atividades esportivas, principalmente, o tênis de quadra. Guilherme gostava daquele local.

Mastermind

Uma visão alargada, antecipada para farejar possíveis negócios promissores, assim era Guilherme. Doutor Sócrates Bomfim, certa vez, teceu o seguinte comentário:

“Vocês fazem uma dupla muito boa, porque Guilherme tem a cabeça nas nuvens e você, Selma, tem os pés no chão!”

Ele imaginava os negócios, e Selma os viabilizava em termos práticos. Prova disso foi quando ele esteve no Rio de Janeiro, comprou um caminhão Truck com uma plataforma na sua carroceria que recebia materiais pesados e os rebocava, na época, chamavam-no de caminhão plataforma:

“O que iremos fazer com esse carro, Aluizio?”

“Selma, há uma falta muito grande desse carro em Manaus!”

Ele visualizou um negócio lucrativo e inovador, de fato era inovador, embora bastante futurista para a época. A parte burocrática ficava aos cuidados de Selma. Em muitos casos o processo ocorreu assim por longos anos, finalmente, entenderam que a separação dos negócios traria ganhos tanto para vida empresarial, quanto a vida pessoal, isso ocorreu devido ao fato de os negócios comumente passarem a abranger uma presença grandiosa de horas em suas vidas.

“Então num meio de um jantar já vinha esse assunto, a vida da gente se transformou em negócios, mas aí chegou um ponto que separamos, ele com o Jornal e a Rádio e eu com a SB Imóveis, porque as três juntas não dava, o sistema era diferente.” (Selma Bomfim)

3

Colégio São Francisco

Descoberta da amizade

No ano de 1946, Guilherme Aluízio foi mandado para Manaus. Passou a ser interno no Colégio São Francisco, permanecendo por cerca de oito anos.

Ubalдино Meirelles nasceu em 1933, em Parintins, e chegou à cidade em 1951, aos 18 anos, para prestar o exame de admissão para o secundário do Colégio Estadual – Colégio Amazonense Dom Pedro II. O professor Fueth Mourão o aceitou como aluno semi-interno. Já Guilherme Aluízio tinha 14 anos, era bem mais novo, franzino e menor, estudava e morava no colégio. A amizade surgiu repentinamente, tornaram-se grandes amigos, eram como dois irmãos. Nesta época os alunos vindos do interior do Amazonas, principalmente de Borba, recebiam alojamentos e as três refeições diárias. Ubalдино caminhava da Avenida 7 de Setembro, entre Getúlio Vargas e Joaquim Nabuco, para o Colégio Estadual. Os anos no Colégio Estadual foram bem rígidos. Havia professores vindos de outros países, falavam com sotaque europeu, e outros conhecidos no cenário intelectual da cidade.

“A minha amizade era tão grande, passei a ser seu protetor. Guilherme Aluízio era magrinho. Eu o protegia porque praticava halterofilismo, tinha músculos e impunha respeito. Era uma época em que muitas das coisas se resolvia no braço. Havia muitas brigas corporais entre os rapazes, por Guilherme ser um dos menores, passei a protegê-lo. Tínhamos um contato permanente. Éramos como irmãos.” (Ubalдино Meirelles)

No Colégio São Francisco havia classes mistas, meninos e meninas juntos, algo inovador para os padrões da época. Os docentes eram professores

naturais do Amazonas. As matérias ministradas: matemática, português, inglês, espanhol, francês, latim, geografia, história, desenho, música e teatro. Nesta época havia o primário, o normal, o clássico e o científico.

“O Aluizio desde jovem tinha vocação para o jornalismo. Esse era um dos temas recorrentes em nossas conversas. Conversávamos muito, sobre inúmeros assuntos. Fugíamos do Colégio São Francisco, íamos para as Festas Juninas, a brincadeira do boi, as quadrilhas, as folias na Manaus dos anos 40.”(Ubaldo Meirelles)

Certo dia o vizinho do lado esquerdo do terreno do colégio, ao fundo da rua Lauro Cavalcante, soltava papagaio. O garoto estava sobre o muro do colégio. De repente surgiu uma confusão com alguns internos, típica de meninos disputando com quem ficaria o papagaio quedado. Guilherme Aluizio foi o epicentro desse fato, porque o garoto que estava sobre o muro, arremessou uma pedra que o atingiu na cabeça, lembrou um *Jab* de um boxeador, pois, o levou à *lona*. Ubaldo subiu o muro e aplicou uma surra no apedrejador.

Art déco

A missa era celebrada aos domingos, às 5 horas da manhã, na capela que ficava na parte interna.

Salas amplas, um terreno com frente para 7 de Setembro e fundos para Lauro Cavalcante. Do lado direito havia a casa de uma senhora idosa.

Em frente morava o professor Sebastião Norões, na casa ao lado a professora Carmélia. Após a morte do professor Fueth o prédio Antônio Simões foi erguido. O colégio ficava no local onde funcionou a Loja Esplanada.

De acordo com narrativas de moradores antigos havia naquele local o Palacete das Garças com coqueiros imponentes e duas palmeiras-imperiais na entrada – o professor as cuidava com atenção especial. O jardim levava a uma escadaria, a subida dos degraus chegaria ao colégio. Era uma construção em *art déco*, inclusive as cores. Havia um pátio amplo.

O professor conseguiu um empréstimo de verbas federais para a construção de uma nova sede, as estruturas antigas foram demolidas. A obra seria concluída somente na década de 60. A construção foi dividida em nova e antiga, a primeira com dois andares cujo formato em L, era uma referência à letra inicial da esposa e a segunda com aspectos de *art déco*. O professor Fueth decidiu preservar alguns aspectos da antiga arquitetura, porém do lado novo construiu as salas, os dormitórios e a capela.

Atividades escolares

As aulas ocorriam pela manhã, tarde e algum tempo depois à noite com um preparatório do telecurso, um supletivo para as pessoas que não tiveram a oportunidade de uma educação regular.

O Colégio São Francisco oferecia o primário, o ginásio e o magistério.

O professor José Nasser esporadicamente ministrava aulas. A professora mais antiga era Creuza Mouco e dona Jovilha. Maria do Perpétuo Socorro de Macedo Mendes, lecionou durante muitos anos. Emina Barbosa

e Fátima Caminha eram as irmãs Mustafa, foram as primeiras professoras internas – na gestão de Fueth e Leonor. Saíram de lá somente quando casaram.

Os internatos eram os alunos que moravam na escola, os semi-internatos os que almoçavam e merendavam e os externatos os que estudavam, ou pela manhã ou pela tarde. Eram três modalidades.

No fechamento do ano letivo os alunos eram levados ao Teatro Amazonas para assistirem a uma peça teatral. O professor Fueth Mourão foi um dos fundadores do teatro escola em Manaus.

A família de dona Leonor Mourão passou a morar no andar de cima quando o novo prédio ficou pronto. No antigo prédio, os filhos gêmeos Paulo e Dorinha, Assis, Maria Luiza e Mazé dormiam com os internos. O casal possuía um quarto privado que ficava no andar de cima e o restante do espaço era preenchido por dormitórios.

Sob nova direção

O esposo de dona Barbosinha tinha problemas com álcool, era parente do doutor Tapajós, médico muito conhecido na cidade. As duas filhas nunca se dedicaram à instituição de ensino fundada pela mãe. Leonor foi entregue aos cuidados da professora Barbosinha, que a batizou. No último ano do curso pedagógico, dona Barbosinha foi à Escola das Freiras Santana, fez um pedido para que ela estudasse o último ano no Colégio São Francisco. E, ao mesmo tempo, Leonor a ajudaria nos serviços da secretaria acadêmica. Leonor acabou assumindo a gerência. Ela contratava

funcionários, professores; organizava os alunos e ministrava aulas. A parte mais trabalhosa, mais complicada, era o controle dos professores, alunos e horários.

O professor de matemática se mudou para outra cidade. Leonor começou uma procura por possíveis substitutos, soube que havia um professor muito bem-conceituado pelo público no Colégio Dom Bosco. Naquela época, era costume percorrer a cidade a pé. Ela esteve por três vezes no Dom Bosco, somente na terceira vez conseguiu falar e fazer a proposta ao professor Fueth Mourão. Ele achou interessante uma experiência em outro local. Naquela época, era comum professores morarem nas instituições de ensino. Fueth, aos 14 anos, deixou o município de Borba vindo estudar em Manaus no internato Salesiano, onde concluiu o primário, o ginásio e o secundário em perito contador. Passou a lecionar no Colégio Dom Bosco e no Colégio Estadual em 1938. Quatro anos depois ingressou na Faculdade de Direito do Amazonas como docente.

*

O Colégio São Francisco de Assis fundado em 7 de janeiro de 1930 por dona Barbosinha foi colocado à venda. Seu desejo era repassar o comando para as mãos de Leonor, sua afilhada. Leonor falou com o seu futuro marido sobre a possibilidade de levantarem a entrada, pois, o restante do pagamento poderia ser parcelado. O casal Fueth Paulo Mourão e Leonor Santiago fez a compra com o apoio do bispo diocesano Dom João da Mata de Andrade e Amaral. Transformou-se em colégio normal em 1943.

Leonor Mourão, 1,55 de altura, embora parecesse bem mais alta pela sua postura ereta e disciplinadora. Uma geminiana que diante dos problemas se mostrava firme e resoluta. Enquanto o professor Fueth lecionava em outras escolas, Leonor comandava o colégio com pulso

firme. Ficou viúva aos 47 anos – o corpo do professor Fueth Mourão foi velado na capela do colégio – nas mãos de Leonor ficou a missão solitária do comando da instituição, tocou tudo com firmeza de propósito. Um detalhe curioso sobre Leonor era um problema de pressão alta que a acompanharia pelo resto da vida, o doutor Garrido a tratava.

Anos 40 e 50

Os internos jogavam futebol, cemitério, bolinha de gude. Brincavam de pular corda e pular macaca e jogar pião. Compravam papagaio e faziam rabiola, colocavam as garrafas no trilho do trem, quando ele passava esmigalhavam-nas, depois misturavam o vidro em pó com cola ou goma, depois de pronto o cerol era passado cuidadosamente na linha. Uma época do lúdico, a febre dos aparelhos de televisão ainda estava por vir.

Nas esquinas do Centro havia dois grandes cinemas: o Polytheama ao lado da calçada do colégio, e do outro lado o cine Guarani. Ir ao cinema era um prêmio, e o prêmio especial era ir ao Cine Odeon ou Cine Avenida. Era a época dos cinemas em Manaus. Havia o tradicional passeio dominical na Praça da Polícia – Heliodoro Balbi –, aguardado com ansiedade, era um dia em que se vestia a melhor roupa com a finalidade das paqueras e dos namoros.

Anos 40 e 50, os primeiros candeeiros eram de querosene, depois vieram os de gás, no colégio havia alguns. Uma época de racionamento de luz elétrica. A geladeira era improvisada, um caixote enorme com alumínio por dentro, colocava-se barras de gelo com sal para conservar a banda de porco, o quarto de boi, a cambada de peixe. Às vezes o professor

Fueth pedia para guardar alguns produtos na geladeira dos vizinhos.

Manaus era uma cidade inusitada após a explosão da borracha no final do século XIX e no início do século XX— quando a indústria automobilística potencializou o uso da borracha amazônica entre 1879 e 1912. Ocorreu um segundo ciclo menos expressivo entre 1942 e 1945, no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

A arquitetura de Manaus foi influenciada pela Europa. Ela foi a primeira cidade do Brasil com luz elétrica, a primeira cidade com bonde de mão inglesa. Neste período áureo foram construídos o Porto do Roadway, o Teatro Amazonas, o Palácio Rio Negro e o Palácio da Justiça. Muitos europeus desembarcaram na cidade pela febre do ouro branco.

Rede de proteção

As histórias perdidas na memória em um tempo de amizade com significado, fidelidade e laços inquebrantáveis. A amizade que atravessou os anos, a amizade que de alguma maneira se perpetuo ao longo dos anos: Guilherme Aluizio, Frank Lima, Ubaldino Meirelles, Raimundinha Meireles e Francisca que todos conheciam como Rosinha eram amigos inseparáveis no Colégio São Francisco. Os professores amavam aqueles jovens talentosos. Fueth e Leonor Mourão os tratavam com extremo carinho, pressentiam um futuro promissor.

Guilherme mostrava alguns traços que o acompanhariam por toda a vida: a educação refinada, a cordialidade desinteressada, a elegância e o modo como tratava as pessoas, apesar da pouca idade. Ele saiu da Vila de

Beruri, aos nove anos, para continuar seus estudos em Manaus, pois seus pais acreditavam na transformação através da educação. Sua avó Izaura Batalha cujos mimos eram todos voltados ao menino, sentiu a separação. Ele tinha o posto de rei da casa, estalava os dedos e os seus pedidos eram atendidos, pois era o único filho homem, seria difícil abrir mão do seu reinado.

Nas primeiras semanas chorava com saudade da família. Era um menino pequeno, franzino e magro. Como Guilherme era dotado de um carisma especial, algumas pessoas da escola o protegiam contra os embates frequentes entre os alunos. Era uma época em que a força física prevalecia. Quando eles queriam brigar uns com outros usavam de muitas artimanhas provocativas, uma delas era assim:

“Olha essa folha em branco!”

“Escreverei nela o nome da sua mãe!”

Após escrito o nome da referida mãe, aquele que ofendia pisava com gosto, falando a seguinte frase:

“Estou pisando... na sua mãe!”

Aí a algazarra começava, eram tapas, socos, chutes e pontapés. Guilherme pela sua gentileza, tinha uma rede de protetores voluntários, eram as senhoras que trabalhavam no colégio, as estudantes mais velhas, alguns outros meninos de sua idade, ele era protegido 24 horas. Havia uma zeladora do alojamento de Aluizio chamada dona Rosita que levou a sério o papel de guarda-costas feminino. Os pais mandavam doces, com certa regularidade, preparados pelas mãos de duas exímias doceiras sua mãe e sua avó. Guilherme percebeu desde a primeira vez em que os

distribuiu a fisionomia de satisfação gustativa de todos, ele era lembrado constantemente pelos corredores:

“Lembre-se de mim, quando os doces chegarem!”

Fez bons amigos como Pedro Lustosa, Raimundo (Borba), Flocy, Emi-
na, Fátima, Francisca Silveira, Sérvio Nina, Abrahim Aleme, Júlia, Ondina,
Elma, Lucimar, Maria Clara Segadilha, Nazinha, Maria Reis e Joel Cidade.

Colégio Dom Bosco

Aluízio Barbosa nasceu em 5 de novembro de 1944 na cidade de Benjamin Constant no Amazonas, o mais novo de seis irmãos. Barbosa entrou no primeiro ano ginásial no Colégio Dom Bosco. Guilherme estudava o último ano do científico na mesma turma do seu irmão João Barbosa Ferreira, também no Dom Bosco. O irmão mais velho de Aluizio Barbosa conhecido como Brasil Barbosa foi eleito deputado estadual por Benjamin Constant, foi colega de parlamento de Álvaro Fachina, pai de Guilherme. Nesta época, Guilherme Aluízio era repórter do Jornal A Gazeta, os jornalistas gozavam de uma popularidade junto à população, e eram uma referência de estilo nas roupas que vestiam.

“Eu estava entrando e ele saindo. Guilherme Aluízio era um gentleman, muito educado e era conhecido por essas qualidades. Ele me apadrinhou, eu me sentia lisonjeado, por ser reconhecido por

um veterano, ele era muito conhecido lá, na hora do recreio, eu me sentia orgulhoso porque quando me via, vinha falar comigo. A partir daí nasceu uma amizade e admiração por ele, com os anos foi crescendo. Na fase adulta tivemos muito contato.” (Aluizio Barbosa – presidente da Ciama)